

Voto declarado e confiante

Viúva de Jango prefere Collor para Presidente

Maria Tereza Goulart, viúva do ex-Presidente João Goulart, "colôriu" e o candidato sabe que recebeu seu voto. Ela adiou de pouco antes das eleições para março o lançamento do livro autobiográfico — "Portas cerradas" — porque, conforme alegou, havia rumores de que ela falaria mal de muita gente. Nada disso. Maria Tereza acha que os candidatos à Presidência são maravilhosos em sua maioria.

Ela não acompanhou as notícias sobre a candidatura aventureira do empresário e animador de TV Silvio Santos, mas acredita que os eleitores estavam muito indecisos. Em entrevista em sua residência de Copacabana, Maria Tereza, hoje com 51 anos — "Ninguém pergunta a idade da Marta Rocha", brinca —, fez um esforço para não revelar seu voto.

Disse que não votava em Leonel Brizola (PDT) — "Inteligente, homem que tem um passado bonito" —, em Luís Inácio Lula da Silva (PT) — "Acredito que o Lula seja excelente" —, em Roberto Freire (PCB) — "Intelligentíssimo" —, em Ulysses Guimarães (PMDB) — "Ele é bom" — nem em Mário Covas (PSDB). Mas não queria revelar sua preferência por Fernando Collor de Mello, candidato do PRN:

— Acho que a escolha é livre. Não declaro o meu voto porque

ele sabe que vou votar nele. Porque acredito nele. — disse.

A viúva do ex-Presidente João Goulart, em seu livro, inicialmente com o nome de "Puertas cerradas", que começou a escrever no exílio, revela fatos poucos conhecidos do público, relacionados à deposição de Jango, em 1964, além de sua vida no Uruguai e a volta para o Brasil em 1977, um ano após a morte do marido.

Maria Tereza acredita que o futuro Presidente da República conseguirá resolver muitos problemas do País, considerando a atuação da juventude na política. Ressalva, porém, que o eleito tem que ter pulso firme e disposição para alianças, pois crê que sozinho não realizará grandes projetos.

— O eleito tem que procurar os outros partidos para uma união. Não adianta ser supercandidato porque é difícil comandar o País sozinho. Não pode haver essa guerra de valores — afirma.

Dona de uma fazenda no Uruguai, uma no Rio Grande do Sul e outra no Maranhão, esta com quatro mil cabeças de gado Zebu e plantações de arroz e soja, Maria Tereza acha que a democracia política existe, mas no plano econômico, conforme diz, "se não houver muita luta, em dois anos o País vai virar o caos". Acredita ainda que não se pode descartar o importante papel das Forças Armadas no processo político brasileiro e que reforma agrária "é meio antigo para o Brasil moderno", assunto que deve ser tratado depois de outros mais importantes, como a questão do menor abandonado, por exemplo.

Foto de Luiz Pinto



Para Maria Tereza, nem supercandidato eleito governa sozinho